

Prefácio

[...]
Seele des Menschen
Wie gleichst du dem Wasser!
Schicksal des Menschen
Wie gleichst du dem Wind!

Gesang der Geister über den Wassern
Goethe

[...]
Alma do homem,
Que igual és à água!
Destino do homem,
Que igual és ao vento!

Cântico dos espíritos sobre as águas
Goethe

Este livro é uma surpresa. E ser surpreendido é uma das coisas belas da vida. Para quem conhece o Autor como economista e professor de economia de muitas gerações de estudantes, para quem seguiu a sua intervenção cívica e governativa, para quem, como o signatário, com ele partilha responsabilidades no Conselho de Auditoria do Banco de Portugal vai para uma dúzia de anos e se habituou ao seu rigor e análise certa, seria de esperar um livro sobre economia do desenvolvimento, sobre sistemas de informação ou, por devaneio, um relato de viagens.

Mas não. O Professor Rui Conceição Nunes preferiu surpreender-nos ao interrogar a trajetória da Humanidade, traçando um fresco multi-imagens dessa linha de claros e escuros, de grandezas e misérias, de barbárie e generosidade, de avanços e recuos que é, como disse George Steiner, «a complexidade trágica da vida humana».

O homem esquece demasiadas vezes que o outro é também um homem, sujeito dos mesmos direitos e portador dos mesmos sonhos e aspirações. Tal como esquece que não é proprietário da natureza e que a sua vida, como a de todos os seres vivos, depende da fruição equilibrada e justa deste bem comum e único que é o planeta onde vivemos.

Muitos têm procurado encontrar um sentido na História. Não o tem. Não é uma tragédia recorrente nem o caminho da redenção da Humanidade. Nem as

trevas nem a luz. Este tipo de conjectura não é do domínio da História, mas do transcendente que só as religiões oferecem.

Mas hoje sabemos mais do que ontem; sobretudo sabemos que podemos saber mais. E mais importante ainda: se nos reconhecemos como seres livres – e o livre arbítrio é um elemento decisivo da nossa diferença como seres racionais –, não podemos escamotear a nossa responsabilidade individual e a nossa partilha da responsabilidade colectiva. Porque sabemos que há erros que não é admissível repetir e que existe conhecimento que permite a resolução de muitos problemas.

Eis a razão por que este livro é particularmente oportuno e interessante. Existe hoje, mais do que em qualquer outro momento do passado, a consciência de como as nossas decisões actuais vão influenciar, para o bem e para o mal, o nosso futuro e o futuro das gerações que nos sucederão. Mas, seja na demografia, no uso dos recursos não renováveis, na defesa da biodiversidade e do equilíbrio dos ecossistemas, é por de mais evidente o fosso existente entre o conhecimento disponível e as práticas que parecem ignorá-lo. Aliás, é este carácter contrapontístico um traço, para muitos angustiante, do tempo presente.

O processo de mundialização contribuiu para o crescimento global mas agravou as assimetrias e aumentou as situações de exclusão. A difusão da informação fez alargar aspirações e homogeneizar consumos e modas mas despertou movimentos, tantas vezes radicais, de afirmação da diferença. Crescem os fluxos comerciais com vantagens para todos, mas cresce igualmente o tráfico de armas e de drogas. O desenvolvimento das ciências da vida abriu novas oportunidades nos domínios da genética e da fecundidade, mas coloca novas interrogações éticas.

Também o tempo presente nos aparece, por vezes, como um tempo de finitudes – fim da História, fim dos valores – que nos lança num vazio não decifrável nem inteligível pelo recurso aos paradigmas anteriores.

Tempo de atonia axiológica que, como lembrava José Vidal-Beneyto, deriva em boa medida de um «relativismo panaceia universal, que a ideologia pós-moderna elevou ao cume supremo do hedonismo nas suas múltiplas facetas».

Sem ideologias – a experiência mostrou-nos ao que conduziram quando se tornaram absolutas ou, mais precisamente, razão de ser de absolutismos – e sem valores, parece legitimada a supremacia do individual sobre o colectivo, do forte sobre o fraco, do mercado sobre o bem comum.

Não devemos ceder nem ao relativismo nem ao derrotismo. Se é difícil fazer um balanço objectivo deste saldo de oportunidades e ameaças, a nossa resposta só pode estar na luta quotidiana contra a ignorância e a indiferença, sem ilusões mas com uma esperança renovada.

EMÍLIO RUI VILAR
Dezembro, 2007